

Saudades, 4 de maio

Como o massacre em uma creche, que vitimou três bebês e duas profissionais da educação, mudou a dinâmica de uma pequena e pacata cidade no interior de Santa Catarina

Com o L nunca pronunciado como U e o R sempre dito como no meio das palavras, a fala dos moradores de Saudades é característica. Colonizada por descendentes de alemães, basta uma curta caminhada pelas ruas da cidade para ouvir os moradores mais velhos conversando no idioma de seus antepassados. Em meados dos anos 1930, colonos vindos do Rio Grande do Sul seguiram em direção ao Oeste de Santa Catarina e se instalaram às margens de um rio caudaloso, que durante o período de chuvas causava grandes alagamentos na sua área de encosta. A distância dos familiares e a dificuldade de comunicação durante o período de cheias fez com que batizassem as novas terras com o sentimento que mais de 90 anos depois persistiria em permanecer.

Hoje, com pouco mais de 9,8 mil habitantes, a cidade se intitula o "vale da hospitalidade", título que ostenta próximo à praça principal. Por lá, o vento sopra frio e o cheiro é quase sempre de vegetação, mesmo no perímetro urbano. Todos se conhecem e fazem questão de se cumprimentar quando cruzam pelas bem cuidadas ruas do município. A 630 quilômetros de Florianópolis, Saudades parece viver num outro ritmo.

Mas em 2021, toda essa calma seria interrompida pelas sirenes de emergência e a chegada de jornalistas de diferentes partes do país. Naquele 4 de maio, quatro viaturas da polícia passaram em alta velocidade pela Avenida Brasil, que corta o Centro do município. A professora de artes Vanda Garmatz viu a movimentação da janela da sala de aula e achou tudo muito estranho, já que não era comum ver tantos policiais passando próximos ao colégio estadual Rodrigues Alves.

Alguns toques na porta e uma mensagem da secretária depois, ela engoliu em seco a notícia que acabara de receber. Apesar de fingir normalidade frente à turma de adolescentes do 9º ano, sua cabeça não estava mais ali. Pensava em como estava a filha que levara à creche naquela manhã. Tinha que falar com o marido, com os pais, com alguém que pudesse confirmar que ela estava bem. Porque, definitivamente, não estava tudo bem em Saudades, naquela manhã.

Os telefones começaram a tocar. Mesmo no silencioso, o barulho das vibrações fazia um coro. Alguns bipes e entreolhares depois, todos já sabiam: alguém estava atacando a Creche Aquarela. Choro, desespero e pânico. Tudo que passava pela mente de Vanda não podia ser expresso naquele momento. Ela estava no controle. Era a professora, afinal de contas. Pedia calma enquanto contatava os pais para irem buscar sua pequena Isadora, que estava em outra creche da cidade. Depois disso, caiu em si. Se atacaram lá, podem atacar aqui.

Entre o desespero de alguns e o choro de outros, a professora tentou organizar a situação. Como numa fortaleza, deviam fechar todas as cortinas, apagar as luzes e cerrar a porta. Ali não entraria ninguém. Só que uma das janelas da sala não fechava. Um aluno deu lugar a outro, que deu lugar a outro e nada. A janela continuava aberta, o suficiente para que alguém entrasse.

E os gritos e o choro, que já se podiam ouvir ao redor de toda a escola, só aumentavam. Havia relatos de tiros ouvidos nos arredores da Aquarela. Seria um atirador em série? Haveria mais de um autor? Estaria armado com bombas? O desespero aumentava enquanto a janela persistia em permanecer aberta. O jeito foi mudar a estratégia. Se não podiam cerrar a sala, que a deixassem aberta para fugir, caso alguém atacasse. Abriram a porta e torceram para que nada acontecesse. Nesse meio tempo, a polícia chegou.

Um cenário parecido com esse tinha se passado na Rodrigues Alves em meados de 2018. Mensagens escritas em diferentes carteiras diziam que um ataque ocorreria na escola e que muitos iriam morrer. O terror se instaurou, a ponto de a polícia permanecer na escola, vistoriando aluno por aluno, até identificar os responsáveis. Alguns dias depois, dois estudantes confessaram a autoria das mensagens, alegando ser uma brincadeira para assustar a comunidade escolar. Ambos foram expulsos e, apesar do susto, o assunto foi tomado como resolvido. Mas diferente das ameaças daquele ano, o ataque na creche era real e, com o passar dos minutos, as informações foram ficando mais claras.

Um rapaz havia invadido a creche Aquarela e estava detido. Havia vítimas fatais e feridos em estado grave, e o socorro já estava no local. Se as informações não fossem chocantes o bastante para uma cidade onde a média de homicídios anuais pode ser contada nos dedos de uma só mão, o autor era de Saudades. Não bastasse isso, era aluno da Rodrigues Alves. Era Fabiano Kipper Mai.

Durante o Ensino Fundamental, Fabiano não aparentava ser muito diferente dos outros garotos da sua idade. Entregava quase todas as atividades da escola e no tempo livre se dividia entre passeios de bicicleta e jogos de vídeo game. Apesar da dificuldade em todas as disciplinas, estava sempre presente nas aulas e, como lembra a professora Gianni Kist, nunca deixava de vestir o uniforme, que traz em letras azuis o ano de fundação do colégio "desde 1933".

De família simples, Fabiano era um garoto de poucas amizades, mas não isolado. Andava com alguns meninos e até participava de certas travessuras. "O que vocês tão fazendo, eim, piizada?", questionou certa vez Liane Hinning, assistente educacional da Rodrigues Alves, ao ouvir um grupo de alunos rindo nos corredores do colégio. "Nós estávamos brincando de 'pegue' e aí acabamos trombando ali e quebrou o cano", respondeu um dos garotos do grupo, do qual Fabiano fazia parte. Uma advertência e um puxão de orelha depois, tudo estava resolvido.

"Das brincadeiras da malandragem ele participava", lembra a professora Vanda Garmatz, que acompanhou Fabiano durante anos na escola. Em um outro episódio, Fabiano e um grupo de garotos resolveram abrir um dos extintores de incêndio da escola como forma de brincadeira. Eles só não contavam com a presença da câmera de vigilância que os flagrou com a mão na massa. Assim como no episódio do cano, todos foram encaminhados para a diretoria e a vida seguiu.

Em Saudades, os alunos que não saem da cidade para cursar o Ensino Médio estudam no Rodrigues Alves, colégio público que leva o nome do quinto presidente do Brasil. Antes dele, cursam o Ensino Fundamental na EM (a Escola Municipal de Ensino Fundamental da cidade) e, quando menores, podem ser matriculados nas três diferentes creches, a depender da idade. Os mais novos ficam na Pró-Infância Aquarela, na Quintino Bocaiúva, uma rua calma, como quase todas de Saudades. Uma leve subida e pouco mais de 400 metros a separa de uma das duas grandes empresas do município, a malharia Dass.

Fundada em Saudades pelo empresário Vilson Hermes, a Dass produz malhas para grandes empresas de material esportivo, como Adidas e Nike, além de obter os direitos de licença e produção no Brasil das marcas Umbro e Fila. A empresa de Branco, como Hermes é conhecido, emprega também uma grande parte da mão de obra local, com destaque para os jovens que, ainda no Ensino Médio, passam a integrar o quadro de funcionários. O número de jovens empregados em Saudades é tão grande que a procura pelas turmas no período noturno nos últimos anos da escola é expressivamente maior. Em geral, os funcionários da empresa entram ainda muito cedo nas linhas de fabricação, onde um maquinário robusto é disposto em um chão em taco de madeira e o barulho das máquinas é marcante.

Os funcionários que começam a trabalhar por volta das 5h têm direito a uma hora de intervalo no meio da manhã. Como a Dass fica no centro da cidade, muitos voltam para suas casas durante esse período. Foi o que fez Fabiano no dia 4 de maio de 2021. Empregado no setor de bordado, ele costumava ir e voltar para o trabalho de bicicleta e foi isso que fez naquela manhã. Só que para a surpresa de seus colegas — que o classificariam mais tarde como um colega de trabalho normal, apesar da quietude e dos poucos amigos — ele não voltou para a segunda parte do expediente.

Mirla Renner Costa era uma leitora voraz. Dividia seu tempo entre as obras de ficção, que a acompanharam desde os tempos de colégio, e as leituras da faculdade de Engenharia Química, que cursava na Udesc (Universidade Estadual de Santa Catarina). Reconhecidamente aplicada aos estudos, sonhava em se formar engenheira e se mudar para o Canadá. Apesar da dor que a distância traria, a mãe sempre apoiava seus planos. Neusa criou Mirla quase sempre sozinha, já que o marido caminhoneiro passava semanas na estrada ora dirigindo caminhões frigoríficos, ora de combustíveis. Elas eram mais do que mãe e filha, eram melhores amigas e confidentes.

Apesar dos protestos de Neusa, que insistia que a filha não precisava trabalhar, Mirla fazia questão de ganhar o seu próprio dinheiro. "Não quero depender de ninguém, mãe", dizia sempre. E Neusa entendia. Ela sabia que o trabalho da filha na creche não era mera questão financeira. Ela gostava genuinamente de lidar com as crianças da Aquarela, onde começara a trabalhar havia alguns meses. As suas crianças, como as chamava, precisavam tanto dela

quanto ela delas. Era uma troca que Mirla estava disposta a fazer, apesar da rotina cada vez mais apertada.

Mirla era uma sonhadora e talvez a maior representação dos seus sonhos fosse o fascínio pelas estrelas. Por vezes, chamava a mãe para admirar as constelações no céu e não conseguia esconder a empolgação com a construção do novo planetário na universidade onde estudava. Sonhos e dedicação. Naquela terça-feira ela seguiu com a rotina puxada de sempre. Acordou cedo, foi para a academia e seguiu para o trabalho, de onde voltaria para casa para acompanhar as aulas remotas da faculdade e seguir estudando até à noite.

Mas a semana era especial. Mirla tinha comprado seus presentes para o dia das mães naquele fim de semana, e estava empolgada com a notícia de que a família instalaria uma televisão no seu quarto, depois de comprar um novo aparelho para a sala. Naquela manhã de 4 de maio, Neusa estava no telefone com uma loja de eletrodomésticos, acertando justamente os detalhes da compra da televisão, quando começou a receber repetidas ligações da cunhada.

Repetidas mensagens também chegavam no celular de Elemar Sehn, dono de uma borracharia que leva seu sobrenome à beira do Rio Saudades, no centro da cidade. Sua netinha começara a ir para a creche havia menos de um mês, depois de um longo período de planejamento de seu filho Evandro. Após se casar, receber um terreno do pai e estruturar a nova casa, ele estava pronto para a chegada da primeira filha. Nunca esteve tão feliz. Depois de tantos anos e desilusões amorosas, havia finalmente conhecido a pessoa certa, Cláudia.

A placa de automóvel estilizada em cima da churrasqueira da casa de Evandro marca a data do matrimônio, ocorrido em 2019. Desde então, o casal se preparou muito para a chegada de Sarah e, mesmo com a ida da pequena para a creche, o contato com ela ainda seria grande. Evandro é motorista da prefeitura de Saudades e dirige os ônibus escolares que levam e trazem as crianças para as escolas. Logo mais estaria transportando Sarah junto dos colegas.

Mas aquelas mensagens que chegavam no celular de Elemar viriam interromper todos esses sonhos. "Eu tenho uma pequena, a Sarah tá na creche", pensou em voz alta, em meio aos colegas na borracharia.

Ao sair da Dass para o intervalo, Fabiano foi de bicicleta até em casa. Lá, pegou uma faca pequena junto de uma bainha, uma faca tática militar de lâmina com serrilhado na lateral e outra faca tática com uma lâmina de mais de 40 centímetros, essa que seria descrita posteriormente como uma adaga ou facão. Vestido todo de preto, ele levou ainda alguns pequenos artefatos explosivos e, de mochila nas costas, seguiu em direção à creche Aquarela.

Chegando na rua da instituição, largou a bicicleta em frente ao portão principal que, assim como quase todos os lugares em Saudades, permanecia destrancado. Caminhando tranquilamente, com as mãos no bolso e capuz na cabeça, Fabiano foi visto entrando na creche pela agente educativa Janice Lauxen, que estava em uma das salas com visão para a rua. "Acho que ele está procurando alguém", comentou com as professoras Solange Kunzler e Keli Aniecevski. Jussara Lauxen, outra agente educativa, também viu Fabiano entrar na Aquarela naquela manhã. Ela acreditava se tratar do pai de uma das crianças e continuou caminhando com os pequenos de volta para uma das salas quando ouviu os gritos de Keli.

Logo depois da ameaça de bomba no Rodrigues Alves poucos anos antes, não demorou muito para que os professores da cidade começassem a refletir sobre quais atitudes tomar caso tivessem que enfrentar uma ameaça real de ataque na escola onde trabalhavam. Naquela ocasião, a professora Keli havia dito que não teria medo e pularia para cima do autor para defender as crianças da creche onde trabalhava. E foi exatamente o que fez naquele 4 de maio.

Ao interpelar Fabiano para saber o que o rapaz procurava, Keli foi surpreendida por golpes de faca. Os dois seguiram em luta corporal por alguns instantes, onde Keli tentava se defender e evitar com que ele seguisse em direção às salas. Em meio aos gritos de desespero, as outras professoras correram para dentro das salas e se trancaram com os pequenos, enquanto tentavam escapar pelas janelas em direção à rua. Onde não havia como escapar sem sair pelo corredor principal, o jeito foi se trancar nas salas e fazer de tudo para que Fabiano não conseguisse entrar. Como as portas da creche abriam para o lado de fora, não era possível colocar mesas e cadeiras para impedir a entrada do agressor. No desespero, as professoras seguraram na maçaneta das portas com toda a força e torceram para que ele não tentasse puxá-la.

Fabiano até tentou entrar em diferentes salas e chegou a quebrar a janela da porta de uma delas com o pé. Mesmo assim, não conseguia entrar em nenhuma. Depois de diferentes tentativas frustradas, finalmente chegou na sala de Mirla Renner que, distante da entrada, não conseguiu ouvir o burburinho que se passava. Ali estavam quatro bebês — Sarah Sehn, Murilo Massing, Anna Bella de Barros e Henrique Hubler — todos com menos de dois anos de idade, dormindo durante a "hora do soninho", depois de terem feito o lanche da manhã. Fabiano desferiu golpes contra todos, e também contra Mirla.

Ao ouvir os primeiros gritos naquela manhã, Ezequiel Pimentel, dono de uma oficina mecânica vizinha à creche, cruzou a rua e se aproximou dos fundos da Aquarela. A região é cercada por algumas empresas de metalurgia e o barulho não é algo incomum por ali. Mas havia algo de diferente. Ao notar os pedidos de “socorro” Ezequiel não pensou duas vezes, pediu para que seu funcionário Mateus pegasse algo para se defenderem e seguiram em direção à entrada da creche. "Cadê as crianças, cadê as crianças?", perguntou para as professoras que já haviam conseguido escapar. Ao saber que algumas ainda estavam dentro da Aquarela, entrou pelo portão principal e encontrou a professora Keli ensanguentada no chão.

"Está lá atrás, está lá atrás", gritavam as outras professoras que continuaram dentro das salas de aula. Ezequiel, então, chegou em frente à sala de Mirla, onde viu o vulto de um rapaz saindo dali e entrando no banheiro. Ao entrar na sala, encontrou os quatro bebês ensanguentados e identificou dois que ainda se mexiam. Agarrando-os pelos braços, seguiu em direção à rua. Entregou um deles para uma professora e seguiu abraçado ao outro, que estava gravemente ferido na região do abdômen. "Janda vem cá, vamos, vamos", gritou para a esposa que entrou no carro e dirigiu até o hospital da cidade, a poucos quarteirões dali.

Trancado no banheiro, Fabiano começou a detonar artefatos explosivos, como espécie de bombinhas, que ecoavam um barulho muito alto, semelhante ao de tiros. Àquela altura, além de Mateus, outros funcionários de empresas da vizinhança esperavam do lado de fora do banheiro para conter o agressor. Até que de repente Fabiano saiu. "Me matem, me matem", gritava enquanto desferia dois golpes no próprio pescoço e depois na barriga. Ao cair no chão, foi amarrado com uma corda até a chegada da polícia.

Instantes antes, a cerca de um quilômetro dali, um agente do Corpo de Bombeiros de Saudades acabara de atender o telefone. Ao olhar para o colega, Pedro Gabriel Heinzen já percebeu que a situação era grave e, em menos de um minuto, estava em frente à Aquarela. Com Fabiano contido, encontrou Keli e dois bebês sem vida e uma jovem gravemente ferida, mas ainda com sinais vitais. Além do choque em presenciar a cena de horror, Heinzen logo percebeu que se tratavam de Keli e Mirla, ambas conhecidas por ele. Respirou fundo e prestou os primeiros socorros, tentando estancar o sangramento na jovem, que foi encaminhada logo em seguida para o Hospital Regional do Oeste, em Chapecó, assim como o pequeno Henrique, na época com 1 ano e 8 meses. Diferentemente dele, porém, Mirla não resistiu aos ferimentos e faleceu naquele mesmo dia.

"Matei cinco? Quantos eu matei? Queria ter matado mais", disse Fabiano segundo os relatos de policiais e socorristas que prestaram os primeiros atendimentos a ele. Já dentro da ambulância, mesmo debilitado, relatou que havia pensado no ataque por cerca de dez meses e que sua intenção original era comprar uma arma de fogo e atacar o colégio Rodrigues Alves, onde estudava. Contudo, sendo obrigado a usar armas brancas, escolheu a creche por conta da fragilidade das vítimas. "Minha mãe sabe? Meu pai já sabe?", questionou os agentes que o acompanhavam até o hospital. "Eles devem estar felizes, né?"

—

Àquela altura a notícia de que um ataque ocorrera na Aquarela havia chegado a quase todos na cidade. Alguns ainda se perguntavam quem seria o autor, mas logo se soube que se tratava de Fabiano Kipper Mai. Apesar do jovem ser pouco conhecido na cidade até então, quase todos em Saudades sabem quem é seu pai. Mário Mai trabalha como jardineiro de Branco, empresário fundador da Dass. Naquela manhã, ao receber a notícia do que ocorrera, Mário pegou sua bicicleta e saiu em disparada para casa. Chorando copiosamente arremessou a bicicleta no chão, mas não teve forças para dar a notícia para esposa Valquíria, mãe de Fabiano.

Vizinha na casa à frente, dona Nelsi Müller havia conversado há pouco com ela sobre a notícia do ataque à creche. Mas, apesar do susto, não havia por que se preocupar. O filho estava no trabalho, assim como o marido. A filha, irmã de Fabiano, estava em casa, por conta do período de atividades remotas da escola. Não havia o que temer, eles estavam a salvo.

Foi depois da chegada de Mário, que Nelsi soube que Fabiano era o responsável pelo ataque. Foi aí que se viu na tarefa de dar a notícia para a mãe. Entrou na casa, chamou por Valquíria e lhe contou. Ela desmoronou. Recém recuperada de um câncer e com a avó de Fabiano doente em casa, Valquíria chorava de desespero. "Como eu vou contar isso para a vó?", dizia em meio aos gritos. E foi também Nelsi que comunicou a avó sobre os atos do neto. "Estamos perdidos, minha Nossa Senhora", gritava a idosa em meio ao choro.

A partir deste momento, uma verdadeira operação de fuga teve de ser montada para garantir a segurança da família. Não bastasse lidar com a notícia de que o filho acabara de realizar uma chacina na creche e tentado suicídio, eles tinham de encontrar um advogado disposto a defendê-lo e, mais urgentemente, encontrar um lugar para onde fugir. Por semanas não se soube do paradeiro dos Kipper Mai, que saíram do endereço onde moravam com medo de represálias, numa cidade onde todos sabem onde todos moram.

"Às vezes passava um pessoal aqui na frente para falar com eles, mas eu dizia que eles são gente de bem. Eles não têm culpa do que aconteceu", lembra dona Nelsi. Depois de alguns meses, a família voltou para o endereço habitual, mesmo tendo de cruzar eventualmente com os familiares das vítimas do próprio filho.

Isso porque a falta de opções de aluguel na cidade fez com que a família de um dos bebês assassinados na creche tivesse de se mudar, depois do ataque, para a mesma rua da família de Fabiano. Cerca de quatro casas os separam. Além disso, a irmã segue estudando no Rodrigues Alves, assim como o pai em seus trabalhos de jardinagem. Já Valquíria não é mais vista andando pela cidade como antes. Permanece quase o tempo todo em casa. Por lá, mantém as cortinas e janelas todas fechadas, mesmo durante o dia.

Oito dias após o ataque, Fabiano Kipper Mai recebeu alta do Hospital Regional do Oeste, em Chapecó, e foi encaminhado para uma cela isolada no Presídio Regional que fica na mesma cidade. Ele havia prestado depoimento para a polícia, ainda internado, alguns dias antes e as investigações seguiam desde o dia do ataque. Também desde aquele dia, a defesa tentara, sem

sucesso, instaurar um incidente de insanidade mental, para que fosse feita uma perícia médica do jovem.

A partir de então, começava uma briga judicial para a realização dos testes de sanidade mental em Fabiano. O segundo pedido veio no final do mês de maio e foi negado novamente. A Justiça alegou que os depoimentos colhidos pela polícia após o ataque comprovavam que o rapaz estava ciente dos seus atos no dia da chacina. Um mês depois, o terceiro pedido foi feito e também rejeitado. Alegando que não existia nenhum exame ou laudo médico comprovando condições de insanidade mental antes do ataque, o juiz responsável negou a tentativa da defesa mais uma vez.

Duas semanas depois, em meados de julho, uma quarta tentativa foi rejeitada. Desta vez a Justiça não questionava a necessidade de realização da perícia, mas sim a disponibilidade de profissionais que pudessem realizar o trabalho na região. Apesar disso, um mês depois, após uma audiência de custódia e apresentação de um laudo próprio da defesa, o juiz responsável deliberou que Fabiano fosse avaliado por peritos no Hospital Psiquiátrico de Custódia de Florianópolis. A pedido do Ministério Público, porém, a perícia ocorreu em um posto do IGP (Instituto Geral de Perícias) na cidade de Blumenau.

As idas e vindas de pedidos para exames psiquiátricos em Fabiano não ocorreram por acaso. Caso seja diagnosticado como algum distúrbio mental, que não permitisse com que soubesse dos atos que estava cometendo na creche, o rapaz pode ser considerado inimputável, ou seja, não seria passível de condenação. Na prática, isso significaria que Fabiano seria enviado para um hospital de custódia e iniciaria um tratamento por tempo indeterminado. Ele poderia ser solto em alguns meses ou anos, após o final do seu tratamento e comprovação de estar apto a retornar ao convívio em sociedade. Como também poderia permanecer no hospital pelo resto da vida. Além disso, os exames poderiam comprovar o que é conhecido no direito como semi-imputabilidade. Nesse caso, as condições mentais do acusado fariam com que ele tivesse ciência somente de parte dos crimes cometidos. Assim, ele seria julgado e poderia receber uma redução de um a dois terços da pena.

A defesa de Fabiano alega a inimputabilidade do rapaz a partir de laudos próprios, onde ele é diagnosticado com esquizofrenia paranoide. Neste caso, o paciente pode ter episódios de delírios e alucinações, como escutar vozes que não existem. Mas o laudo apresentado

posteriormente pelo perito indicado pelo IGP apontou um cenário diferente. Segundo a análise, Fabiano sofreria de esquizofrenia indiferenciada, em que se apresentariam diferentes sintomas da doença, sem se encaixar em uma classificação específica. O resultado gerou reclamações da defesa por conta de lacunas no processo de diagnóstico, como a não realização de ressonância magnética no crânio de Fabiano, e a falta de uma equipe multidisciplinar. "Uma perícia dessas normalmente tem um perito revisor e nesse caso ela não teve. No momento que ela não tem um perito revisor, passa a ser uma opinião subjetiva exclusivamente daquele perito como pessoa, como ser humano. Então nós divergimos da opinião dele", argumenta Demetrios Eugênio Grapiglia, advogado de defesa.

Durante a produção do laudo, além do perito do IGP, assistentes periciais da defesa e do Ministério Público também elaboraram pareceres sobre as condições de Fabiano. Os três laudos divergiram entre si e não foi possível determinar se o rapaz seria imputável ou não no momento em que atacou a Aquarela.

De qualquer maneira, o diagnóstico de distúrbios esquizofrênicos ainda rende muitas discussões. Isso porque as diferentes classificações de episódios psicóticos vêm mudando com o passar dos anos e não são completamente estanques. De fato, os tipos de esquizofrenia servem para diagnosticar os sintomas com maior preponderância no paciente, mas não necessariamente excluem a possibilidade com que outros comportamentos esquizofrênicos sejam identificados. "Eventualmente um paranoide pode se ver num momento indiferenciado, num momento desorganizado, num momento catatônico. Ele pode passar por todas as modalidades, o que manda mesmo é a preponderância de qual tipo que ele tenha", explica o psiquiatra e pesquisador Jorge Henna, professor da PUC de São Paulo.

A esquizofrenia tem incidência em cerca de 1% da população. Em geral, a comunidade psiquiátrica entende que a pré-disposição para alguém desenvolver episódios esquizofrênicos passa tanto por fatores externos e de vivências pessoais, como pela pré-disposição genética. Alguém que tem um familiar diagnosticado com a doença tem até dez vezes mais chances de desenvolvê-la.

Além disso, o fato de não se ter evidências de distúrbios mentais em outros períodos da vida, não justifica a impossibilidade de alguém desenvolver a doença. De fato, nos homens, o desenvolvimento dos primeiros episódios esquizofrênicos tende a acontecer no início da

idade adulta, por volta da faixa dos vinte anos, mesmo que sinais de comportamento possam ser notados desde a infância. Somente uma análise mais detalhada poderia trazer mais informações sobre o assunto. E mesmo assim, ainda se poderia ter dificuldades em definir qual o grau e variação de comportamento esquizofrênico desenvolvido.

E foi exatamente isso que aconteceu no caso de Fabiano. Com três diagnósticos diferentes, ainda não era possível determinar se o rapaz tinha ciência ou não dos atos que cometera naquele 4 de maio. Assim, o juiz entendeu que o Tribunal do Júri, formado por pessoas leigas em assuntos de psiquiatria, deveria determinar qual dos diagnósticos seria o mais adequado para Fabiano. No início de março, a defesa recorreu da decisão e pediu a suspensão do processo, que foi a julgamento no Tribunal de Justiça de Santa Catarina em junho.

Nesse meio tempo, Grapiglia tentara definir uma imagem bem estabelecida de Fabiano. Um rapaz recluso, focado no mundo dos games e isolado socialmente. Mas, principalmente, vítima sistêmica de bullying pelos colegas de escola. "O bullying não foi decisivo, mas colaborou para transformar ele em uma pessoa doente, revoltada e cheia de problemas", justifica o advogado.

De acordo com ele, Fabiano não tem nenhuma lembrança do dia do atentado. Justamente por isso, o rapaz não se sentiria arrependido sobre os assassinatos, já que não se recordaria de tê-los cometido. Apesar de não se recordar do ataque, Grapiglia conta que Fabiano confirmara que uma das motivações para o ataque seria o bullying sofrido pelos colegas.

Questionado sobre as falas de seu cliente colhidas nos depoimentos da polícia, o advogado lança suspeita. Diz que não seria possível saber se o que diferentes testemunhas relataram naquele momento não seriam uma má interpretação das falas do agressor. Além disso, a defesa alega que Fabiano não teria planejado o atentado e tampouco tentado comprar outros tipos de arma online. Para o advogado, o rapaz não só não planejou o ataque, como foi manipulado por outras pessoas na internet para realizá-lo. Essas pessoas teriam, na tese do advogado, enviado as facas e materiais usados por ele.

Mas as investigações policiais parecem apontar para uma direção contrária. "O que eu posso falar é que foram encontradas coisas relacionadas a grupos na *Deep Web*. Não particularmente conversando, mas ele tinha várias imagens de outros atentados, como esses

que acontecem nos Estados Unidos", explica Jonas Alexander Kaiser, agente policial de Saudades envolvido nas investigações. Logo depois do ataque, agentes da Polícia Civil deram início às perícias dos computadores e outros dispositivos de Fabiano para tentar entender as motivações do crime.

Com 18 anos recém completos, o rapaz foi, então, processado pelo Ministério Público acusado de 5 homicídios e 14 tentativas de homicídio. De acordo com Douglas Dellazari, Promotor de Justiça responsável pelos primeiros meses das investigações, não há indícios de que Fabiano não tivesse ciência de seus atos no dia do ataque. "Não há nenhum elemento concreto dentro do processo que indique a inimputabilidade do réu. Pelo contrário, todos os elementos que foram produzidos demonstram que ele tinha plena consciência dos seus atos", explicou em entrevista à rádio do MPSC antes de deixar a comarca de Pinhalzinho, cidade vizinha onde tramita o processo. O novo promotor responsável, Bruno Poerschke Vieira, negou pedido de entrevista para esta reportagem, por conta da sensibilidade do tema e por o processo ainda estar em andamento.

No final de junho de 2022, o TJSC negou por unanimidade o recurso da defesa e o processo retornou à comarca de Pinhalzinho, onde o juiz deve decidir novamente se Fabiano será submetido ou não ao Júri Popular. Ele é denunciado por cinco homicídios e outras 14 tentativas de homicídio — contra as outras pessoas presentes na creche.

—

Com o vento na cara, Fabiano andava rápido de bicicleta pelas ruas de Saudades. Estava acompanhado de mais alguns amigos que haviam decidido passar a tarde em uma das cachoeiras nos arredores da cidade. Naquele momento, o garoto só conseguia pensar na moto que tanto tinha o sonho de ter. Mesmo que ainda não tivesse idade para usá-la ou dinheiro para comprá-la, a ideia de estar montado em uma moto não saía da sua cabeça. Andava cada vez mais rápido e mais rápido, até que começou a imitar o som do veículo e imaginar que, naquele instante, estivesse realizando seu sonho. Os amigos se entreolhavam, alguns rindo, outros com ar de estranhamento. Mas nada de mais, era assim que o Fabinho era. Sempre fora diferente.

Fabiano era da turma do fundão. Apesar de introspectivo, se juntou aos outros garotos mais pelas circunstâncias na escola do que por vontade própria de integrar um grupo. Nunca era ele quem começava com as brincadeiras, ou chamava para passeios de bicicleta ou para as idas para a cachoeira. Fabiano era reativo, e todos sabiam disso. Por ser mais quieto, não era de se estranhar que volta e meia fosse alvo de brincadeiras por parte de outros colegas. Davam-lhe apelidos, tiravam sarro por ficar sempre mais quieto e faziam brincadeiras que para alguns eram mais graves do que para outros. De qualquer forma, para os mais próximos de Fabiano e para as professoras do colégio Rodrigues Alves, ouvidas pela reportagem, a opinião é unânime: nada era tão grave que explicasse o que aconteceu.

"Não era nada que não se veria em outro colégio", justifica Rafael Goetz, um dos colegas mais próximos de Fabiano. A opinião é compartilhada pela diretora do Rodrigues Alves, Cristiane Lamour Geller, que lidou com o garoto durante anos no colégio. "Nunca chegou até mim, até a diretoria, qualquer reclamação sobre bullying", explica, ao lembrar que Fabiano estava sempre "no meio de outros garotos".

Durante as aulas, Fabiano também participava das brincadeiras e zoações com outros colegas. Estava sempre em uma turma de amigos, mesmo que não fosse tão próximo de nenhum dos garotos. No intervalo, muitas vezes, andava sozinho, mas era chamado para brincadeiras depois do horário das aulas. E não era difícil o encontrar, estava sempre em casa, no notebook, jogando Counter Strike ou Grand Theft Auto, ambas séries de vídeo game mundialmente famosas. Nada que levantasse suspeita.

Por vezes, os garotos saíam para a casa de um dos amigos do grupo para tomar chimarrão e jogar conversa fora. Fabiano sempre os acompanhava, mesmo nunca chamando ninguém para ir a sua. Era como se aceitasse entrar na vida dos colegas, mas criasse uma barreira para que eles entrassem na sua. Isso causava certo estranhamento, só que todos relevavam. Eram muito novos para julgá-lo e, afinal de contas, ele sempre fora um tanto estranho.

Num certo dia, os garotos foram até a casa chamá-lo para ir a uma das cachoeiras da cidade. O garoto se aprontou rapidamente e em poucos minutos já estava pronto para seguir com o grupo. Alguns instantes depois, enquanto seguiam para o rio, Fabiano fora direto. "Não vou mais", com mais algumas palavras se despediu dos colegas um tanto perplexos e seguiu de volta para casa. "Ele tinha isso. Às vezes estava feliz, depois estava triste. Era meio, como se

diz, como se fosse bipolar", lembra um dos amigos mais próximos de Fabiano, que prefere não ser identificado por medo de represálias na cidade.

As mudanças de humor não eram novidade para os que andavam com o garoto, descrito como um estudante mediano, cuja única habilidade reconhecida era a agilidade para tomar nota. Mas a velocidade com que anotava não era a mesma com que absorvia os conteúdos, tanto que fora classificado como um aluno nota 4 de 10. Nada do que se orgulhar. No final das contas, seu comportamento beirava a apatia. "Para ele sempre estava bom. Podia tirar zero e estava bom, não havia reclamação", recorda a professora Vanda Garmatz.

Apesar disso, Fabiano sempre entregava os trabalhos e comparecia às aulas, por isso, mesmo com as notas baixas, era sempre aprovado por conselho de classe, o que durou até 2019. "Nós mesmos falamos: esse ano chega", lembra a diretora do Rodrigues Alves, Cristiane Geller, sobre o momento em que Fabiano foi reprovado no colégio.

Era um momento de mudanças na vida do garoto. O começo do Ensino Médio marca, além da chegada da adolescência, o início das responsabilidades na vida dos jovens de Saudades. Os passeios de bicicleta durante a tarde dão lugar aos encontros de noite para beber. O assunto deixa de ser somente os jogos e passa a incluir meninas e festas. E sobre isso, Fabiano nunca se interessou.

Se era preciso que os garotos lhe chamassem para sair de casa, agora ele permanecia cada vez mais só. Sem celular ou redes sociais, o único momento de interação era com os colegas era na escola, mas cada vez mais eles deixavam o turno matutino para o noturno, por conta do trabalho nas empresas da região. Logo mais, o próprio Fabiano começaria seu trabalho na Dass e teria de trocar as aulas da manhã pelas da noite. Mesmo assim, continuava cada vez mais distante dos colegas. E então, veio a pandemia.

Um PDF com as atividades e instruções para os exercícios. As aulas remotas da rede estadual não exigiam mais do que uma busca no Google e alguns minutos de dedicação para serem feitas. Nesse meio tempo, as interações sociais de Fabiano continuavam a ficar cada vez mais escassas. As horas que ficava no quarto não podiam mais ser consideradas somente tempo gasto com jogos, era também ali que estudava. Com isso, a rotina, que antes incluía as idas ao Rodrigues Alves, se resumia ao trabalho na Dass e o tempo gasto no computador. Não há

relatos de mensagens de amigos, chamadas de vídeo ou outros tipos de interação. Era linha de produção de manhã, computador durante a tarde e à noite.

De qualquer maneira, o comportamento do garoto não parecia tão diferente do visto em outras ocasiões. Pessoas próximas à família o descrevem como um jovem que em momentos de socialização sentava-se à mesa para as refeições, ajudava o pai a assar a carne dos churrascos e que trocava algumas palavras com as visitas. Apesar da reclusão do quarto, Fabiano continuava sendo o Fabinho de sempre. Pelo menos para àqueles mais próximos. Para amigos e professores, o contato foi perdido desde o início da pandemia e continuou assim, mesmo com possibilidade de retorno às aulas presenciais no início de 2021. Com problemas respiratórios, a irmã preferiu permanecer com as atividades on-line e foi acompanhada por Fabiano.

—

Quando a notícia do ataque chegou até o pai de Mirla Renner, ele estava em um posto de combustíveis em Videira fazendo o descarregamento de seu caminhão. O choque fora tanto que teve de ser levado de carro pelo gerente do estabelecimento até o hospital em Chapecó onde a filha estava.

Assim como o pai de Mirla, o irmão de Keli Aniecevski também não estava em Saudades no dia do ataque. Morando em São Miguel do Oeste, ao ser informado sobre o que havia ocorrido na Aquarela dirigiu pelos cerca de 90 quilômetros que ligam as duas cidades. Num primeiro momento, a informação era de que uma espécie de acidente teria acontecido na creche. Logo depois veio a confirmação do ataque e da morte da irmã.

Já a família de Sarah Sehn recebeu a notícia ainda no desenrolar dos acontecimentos na Aquarela. O pai da menina, Evandro, era motorista da rede escolar e conhecia bem o prédio onde ficava a creche. Sem acesso à escola por conta do isolamento feito pela polícia, e ainda sem informações sobre a filha, deu meia volta. Pelos fundos, arranjou um jeito de entrar na Aquarela e encontrou algumas crianças em uma das salas. Foram as chuquinhas no cabelo da filha que permitiram que ele reconhecesse que Sarah estava entre as vítimas do ataque.

"Foi o Fabinho", ouviu de um conhecido Rafael Goetz, que foi colega de Fabiano no Rodrigues Alves. "Fabinho, o nosso Fabinho?", reagiu, ainda incrédulo. A surpresa dele não foi muito diferente da de outras pessoas que conheciam o jovem, fosse na escola ou no trabalho. "Tinham outros que poderiam levantar mais suspeitas do que ele", justificou a professora Gianni Kist, lembrando de um episódio onde um de seus alunos arremessou uma carteira em sua direção durante uma aula. "Aquele sim era violento."

As semanas que vieram depois do ataque foram de mudança total na dinâmica da cidade. As ruas pacatas com ar interiorano deram lugar a uma ode de jornalistas de diferentes partes do país, equipes de polícia e uma avalanche de desconfiança. Desde então, Saudades não era mais a mesma. Pelo menos não naqueles dias que seguiram o incidente e o luto coletivo. "Eu não dei aula nos primeiros dias, a gente ficava conversando, tentando entender o que tinha acontecido", conta a professora Vanda Garmatz.

Naqueles dias, o sentimento de desconfiança era compartilhado por quase todos. Se Fabiano, que não parecia representar perigo algum, fora capaz de algo tão brutal, o que esperar dos outros? As pessoas não sabiam mais em quem confiar e nem em como disfarçar o desconforto. "Sabe quando tu tá andando e fica constantemente olhando para trás e para os lados?", descreve Kist sobre os dias após o ataque.

Além de tudo, entre os funcionários do Rodrigues Alves, não era possível evitar os pensamentos sobre o que teriam feito caso o jovem tivesse invadido o próprio colégio. "Eu teria aberto o portão para ele" é uma das frases que quase todos na escola dizem ao comentar a situação. E no final das contas, é o que qualquer um teria feito. "60% dos meus alunos são como o Fabiano". A explicação de Garmatz parece resumir os motivos de todos esses sentimentos que tomaram conta do colégio e da cidade nos dias seguintes ao massacre.

—

Cerca de um ano depois, Saudades parece tentar esquecer o que ocorreu na creche. Não se vê cartazes em homenagem às vítimas ou memoriais erguidos próximo à Aquarela, mesmo que a prefeitura tenha planos para a construção de um monumento. É comum que em situações de tragédias os moradores se unam para não esquecer daqueles que perderam a vida em um momento tão triste ou clamar por justiça. Mas não é o que acontece por lá.

No final de semana seguinte ao ataque, um mutirão, que incluiu moradores, comerciantes e pais de alunos da creche, reformou boa parte da escola. A fachada foi completamente modificada e os muros e paredes todos pintados. A sala onde ocorreu o ataque foi destruída, dando lugar a um playground para as crianças. Mesmo que o espaço faça falta, é um preço que a comunidade está disposta a pagar para não reviver o sofrimento daquele dia.

E as mudanças não foram somente estéticas. Logo depois do ataque, o governo estadual fez uma força-tarefa para enviar psicólogos e psiquiatras para a cidade. Assim, os alunos de outras escolas começaram a ter à disposição profissionais voltados a cuidar da saúde mental, o que não ocorria antes. A demanda foi tanta, que mesmo depois de meses do ataque, a sala onde acontecem os atendimentos no colégio Rodrigues Alves segue sempre ocupada. O local foi improvisado em um dos espaços da coordenadoria pedagógica, onde um tapume de madeira fora colocado para dividir o ambiente e criar um espaço separado para os atendimentos. "A gente recebeu muitos alunos abalados. Nunca teve um número tão grande", relata a diretora do colégio, que destaca o papel da pandemia para o piora nos quadros de ansiedade e depressão na comunidade escolar.

Se falar sobre o ataque é lugar comum para os alunos da Rodrigues Alves, no resto da cidade a impressão é de que ninguém deseja tocar no assunto. O "vale da hospitalidade" teve sua reputação manchada por um de seus próprios moradores. A cidade ainda se recupera, lentamente.

Na paróquia Sagrada Família, na qual Fabiano fez seus estudos religiosos e recebeu o sacramento da crisma, ninguém está confortável em falar. Os olhares se espantam quando se menciona por ele. A justificativa para não se alongar sobre o tema é a diretriz da própria diocese de Chapecó, para qual a paróquia está subordinada, que orienta o silêncio.

O mesmo silêncio parece rondar também aqueles que participaram do ataque em si. Seja pela vontade de esquecer as cenas daquele dia ou pela fadiga de retomar o assunto. A diretora das creches da cidade e as profissionais que trabalham na Aquarela evitam ao máximo dar entrevistas, algumas jamais o fizeram. A prefeitura oferece apoio jurídico às e aos profissionais e assegura que não precisem se expor mesmo em meio ao assédio dos jornalistas.

Enquanto isso, a família de Fabiano segue calada. A única breve entrevista com familiares foi feita com o pai do garoto em meados de 2021. Desde então, os familiares foram orientados pelo advogado a não terem contato com a imprensa. Demetryus Grapiglia teme que a exposição atrapalhe o andamento do caso e afete a família. Curiosamente, ele próprio, parece não ter problemas em se pronunciar e muito menos expor os detalhes do caso em suas redes sociais.

Desde meados de 2021, Grapiglia tomou como *modus operandi* a gravação de todas as entrevistas que realiza com jornalistas. Um modo de se precaver de possíveis erros contra seus depoimentos, segundo ele. Mas mesmo que esta reportagem fosse publicada posteriormente, a entrevista na íntegra fora postada no dia seguinte a realização em suas redes sociais.

—

No final daquele 4 de maio, a professora Vanda e o resto da turma mal lembravam do alívio que sentiram ao saber que o ataque não ocorria na escola onde estavam. Não havia mais espaço para isso, o luto coletivo tomara conta da cidade. O ataque deixou marcas profundas em todos, não só naqueles diretamente afetados pela tragédia. O medo de que algo parecido possa ocorrer novamente, por exemplo, é um sentimento presente entre muitos moradores até hoje.

Para os familiares das vítimas, a vida mudou completamente. Se é impossível esquecer, aos poucos, vão aprendendo a viver com as marcas que ficaram. "Sabe o que é pensar em alguém a todo o momento?", desabafa Neusa, sentada na varanda da casa, onde o quarto de Mirla ainda permanece quase igual a como estava há mais de um ano. Ela passou a viajar mais com o marido, ficando dias na estrada para tentar distrair a mente, e tem planos de se mudar de Saudades. Mesmo que seja para a vizinha Pinhalzinho, vender a casa parece ser um primeiro passo para um recomeço. Além disso, a adoção de uma criança também está nos planos do casal. É o mesmo processo pelo qual passam Evandro e Cláudia. Nos dias após o ataque, o pai de Sarah se pegava olhando fotos da pequena no celular e chorando. Com o tempo foi tomando forças para tentar recomeçar. Hoje o casal está à espera de uma criança.

Familiares de outras vítimas passam por situações parecidas. Alguns saíram de Saudades, outros voltaram à cidade para ficar mais próximos dos parentes ou simplesmente tentam retomar a rotina. A maioria não culpa diretamente a família de Fabiano pelos atos do rapaz, mas há aqueles que não se abstêm de levantar dúvidas sobre a falta de fiscalização dos conteúdos que ele consumia na internet e o tempo passado em frente ao computador. De qualquer forma, o contato que alguns tinham com os Kipper Mai se encerrou desde aquele dia, assim como a família do rapaz passou a ser notada de uma maneira completamente diferente na cidade.

Dentro desse mar de sentimentos, há algo que parece unir a todos em Saudades. A vontade de superar, de uma vez por todas, o que aconteceu. Por isso, a fala de uma das mães que perdeu a filha na tragédia, apesar de simples, parece tão significativa. Depois de aceitar conceder entrevista, Luana Schuh voltou atrás. Disse ter pensado melhor e que preferia não comentar sobre o assunto que permanecia ainda muito dolorido para ela e o marido. "Se puder escrever, diga que a mãe da Ana Bella quer justiça", deixou como único pedido. De fato, justiça parece ser tudo que resta para muitos em Saudades. Só o tempo dirá se será possível alcançá-la.